

## Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI)

Naidea Nunes Nunes

Universidade da Madeira

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

O estudo da antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI), realizado por Naidea Nunes Nunes, no âmbito da sua tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1996, fundamenta-se no inventário dos nomes dos primeiros povoadores da ilha da Madeira, desabitada no momento do seu descobrimento, cujo povoamento se fez a partir de Portugal continental, nele participando igualmente, devido ao desenvolvimento da produção açucareira, muitos estrangeiros, comerciantes de toda a Europa, e escravos das Canárias e de África. Da documentação mais antiga produzida na ilha, a autora utilizou cinco fontes documentais diretas: o “Livro de Estimos do ano de 1494”, as *Vereações da Câmara Municipal do Funchal: século XV*, o *Tombo Primeiro da Câmara Municipal do Funchal: documentos do século XV e XVI*, os *Livros de Contas da ilha da Madeira: 1504-1537* e os *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal: 1538-1558*. Utilizou ainda uma fonte indireta para o estudo da antroponímia dos escravos: o inventário dos nomes de escravos do Arquipélago da Madeira, a partir de documentos inéditos, apresentado por Alberto Vieira no livro *Os escravos no Arquipélago da Madeira: séculos XV a XVII*. As fontes utilizadas são constituídas por documentos de natureza notarial, eclesiástica, alfandegária e administrativa. Esta documentação permite obter uma amostragem representativa e fiel do ponto de vista linguístico da antroponomástica primitiva da ilha da Madeira.

O trabalho antroponímico de Naidea Nunes Nunes foi integrado no projeto *Patronymica Romana* (PatRom), dicionário histórico da antroponímia romana, coordenado pelo Professor Dieter Kremer da Universidade de Trier (Alemanha), que inclui o estudo onomástico aprofundado de todas as línguas românicas numa perspetiva diacrónica e sincrónica, tendo sido publicado (em coautoria com o referido Professor) o *Repertório onomástico histórico da Madeira (séculos XV e XVI)*, Tübingen, Niemeyer, 1999. Este estudo antroponomástico contribui para um melhor conhecimento da antroponomástica portuguesa, bem como da História da Língua Portuguesa, nomeadamente do Português da época da expansão que foi transplantado para a ilha da Madeira. O material antroponímico estudado dá informações sobre unidades lexicais comuns que apresentam, muitas vezes, as primeiras atestações na onomástica antiga ou medieval e moderna e sobre traços linguísticos e dialetais. Os antropónimos podem, assim, fornecer informações linguísticas e culturais importantes sobre a época a que pertencem, dado que as ocorrências dos antropónimos dependem de critérios geolinguísticos, fatores históricos e culturais, da tradição cristã (nomes de inspiração religiosa) e pagã e da tendência inovadora e da moda que determinam a evolução onomástica sobretudo dos nomes individuais ou nomes próprios.

### 1. Terminologia antroponomástica

A terminologia antroponímica tradicional foi consagrada por Leite de Vasconcelos, na sua obra monumental intitulada *Antroponímia portuguesa*. Vasconcelos utiliza os seguintes termos: *prenome* para designar os títulos honoríficos ou eclesiásticos que antecedem o nome próprio; *nome próprio* para designar o nome individual de batismo; *sobrenome* para designar as unidades antroponímicas que seguem imediatamente o nome próprio (podendo ser um patronímico, um nome próprio ou um nome religioso); *apelido* para designar o nome de família, unidade antroponímica que segue o sobrenome e que, segundo o autor, correspondia, inicialmente, a formas patronímicas, a alcunhas e a nomes geográficos. Esta terminologia foi seguida por Joseph M. Piel, por José Pedro Machado e por outros continuadores dos seus estudos antroponomásticos.

Naidea Nunes opta por uma terminologia mais recente, que julga mais adequada para melhor descrever e classificar as diferentes unidades antroponímicas. Utiliza a terminologia proposta, a nível internacional, pelo já referido projeto Patronímica Românica (PatRom) e pelo seu coordenador – Professor Doutor Dieter Kremer – da Universidade de Trier (Alemanha). Segundo esta nova proposta terminológica, o termo *prenome* designa o primeiro nome, uma vez que o termo nome próprio não é o mais adequado por não ser um termo específico, podendo apresentar um valor genérico não apelativo. O termo *prenome* também não é o mais adequado para designar os títulos honoríficos, eclesiásticos e académicos, visto que não se trata de unidades antroponímicas propriamente ditas e, por isso, podem ser denominadas simplesmente por títulos. Em vez do termo *sobrenome*, usamos o termo *prenome composto*, por oposição a *prenome simples*, para designar dois elementos antroponímicos que fazem parte do primeiro nome ou prenome, por exemplo *João Baptista* que, neste caso, é uma unidade fixa de origem religiosa. Os prenomes compostos podem ainda ser formados por um prenome seguido de um complemento onomástico, por exemplo os nomes marianos do tipo *Maria das Neves*. Os prenomes têm um uso estritamente onomástico, embora esporadicamente possam ser de origem lexical (delexicais), pois podem formar-se a partir de lexemas, tal como alguns lexemas podem ser formados a partir de prenomes (deonomástica). A adoção do termo *prenome* para o primeiro nome leva-nos a utilizar o termo *segundo nome*, em vez de *apelido*, para designar a unidade antroponímica que segue o prenome. O termo *segundo nome* parece-nos mais adequado, por ser simultaneamente mais específico e mais abrangente. O segundo nome tem a função de identificar o indivíduo no seu contexto social e está na base dos nomes de família atuais, pois podemos constatar que os segundos nomes individuais tornam-se nomes hereditários ou de família. Ao segundo nome pode seguir-se um terceiro nome e um quarto nome. Estas unidades constituem também, inicialmente, elementos de identificação individual, pois ainda não se tinham fixado como nomes de família, daí ser mais adequada a designação de segundo, terceiro e quarto nomes. Trata-se de termos que permitem dar conta da posição e sequência das unidades antroponímicas na cadeia onomástica. Os segundos, terceiros e quartos nomes podem ser nomes constituídos por patronímicos, nomes geográficos ou nomes de origem, nomes étnicos, alcunhas e nomes de profissão. Estes últimos três tipos antroponímicos são nomes delexicais, ou seja, nomes retirados do léxico geral.

## 2. Os nomes

Na antroponímia antiga, distinguem-se três tipos fundamentais de antropónimos: os prenomes e os patronímicos (formados a partir dos prenomes), os nomes de origem e os nomes delexicais. Os patronímicos têm um interesse morfológico específico, pois prolongam os prenomes, indicando a filiação paterna ou materna – matronímicos. Os nomes de origem representam uma outra categoria de nome, pois são nomes de lugares – macrotoponímica (lugares identificados e habitados) e microtoponímia (designações toponímicas muito circunscritas). Os nomes delexicais integram lexemas étnicos, alcunhas e lexemas de profissões ou ofícios. Ao contrário dos prenomes que têm a sua origem, geralmente, na tradição e que identificam uma pessoa na família, os nomes delexicais, retirados do vocabulário corrente, identificam e qualificam uma pessoa socialmente. Os nomes delexicais participam dos mesmos processos de formação do léxico comum, estabelecendo uma estreita ligação com ele. O grande grupo dos nomes próprios delexicais, como afirma Dieter Kremer, no *Dictionnaire historique de l'anthroponymie romane*, é um testemunho precioso da língua falada ou popular da sua época e frequentemente permite datar pela primeira vez esse elemento lexical, tendo grande interesse para a História da Língua. No entanto, como acrescenta o autor, nem sempre é fácil definir o significado concreto de uma alcunha, pois na maior parte das vezes não conhecemos a motivação real da denominação e uma interpretação correta apenas pode indicar significações possíveis.

Deste modo, um antropónimo pode ser constituído por várias unidades: nomes (prenomes e patronímicos), nomes de origem (topónimos) e nomes delexicais (nomes étnicos, alcunhas e nomes de profissão), formando uma cadeia onomástica complexa. Os nomes delexicais, por vezes, substituem os prenomes, o que mostra a grande importância sócio onomástica destes nomes na identificação dos indivíduos, por exemplo: *Galeguo*, *Framca*, *Bigode*, *Ouelheyro*. Naidea Nunes, no seu estudo da antroponímia primitiva da Madeira, procura conhecer, através dos antropónimos dos primeiros povoadores portugueses, dos estrangeiros e dos escravos, as unidades antroponímicas mais frequentes que ocorrem nas diferentes fontes consultadas como primeiro, segundo, terceiro e quarto nomes. A autora classifica estas unidades antroponímicas tendo em conta a sua posição, origem, função, motivação e significado em patronímicos, nomes geográficos, nomes étnicos, alcunhas e nomes de profissão, descrevendo a estrutura fonética, morfológica, sintática, semântica e lexical das unidades antroponímicas estudadas.

### 3. Homónimos e variantes

Naidea Nunes recolheu os antropónimos nas fontes documentais através da citação completa da identificação do indivíduo, com a grafia original, procurando eliminar os antropónimos repetidos nos documentos, para não falsear os resultados estatísticos, no entanto conservou as formas que pareciam corresponder a homónimos. Nem sempre é fácil identificar os homónimos: o problema surge em relação a antropónimos como *Joam Anes juiz* e *Joam Anes vereador*. Como saber se se trata de um mesmo indivíduo que ora surge designado com um cargo ora com outro ou se se trata de indivíduos diferentes. Como este nome era muito frequente na época, a autora optou pela segunda hipótese. O mesmo problema surge em relação aos antropónimos *Fernam Gonçalvez* e *Fernando Gonçalvez*, *Bastiam Fernandez* e *Sebastiam Fernandez*. No caso de *Fernam/Fernando*, pode tratar-se de variantes de um mesmo nome, mais delicado é o caso de *Bastiam/Sebastiam*. Coloca-se ainda o mesmo problema em relação aos antropónimos *Gomez Vinagre*, *Gomez Vinagre procurador* e *Gomez*

*Vinagre procurador do concelho, Joam Annes e Joam Annes barqueiro*, em que temos antropónimos constituídos apenas pelo primeiro e segundo nomes e surge um terceiro nome que, geralmente, é um nome de profissão, para melhor identificar o indivíduo ou para o distinguir de um indivíduo com o mesmo nome. Naidea Nunes, nestes casos, considera tratar-se de homónimos, ou seja, pessoas distintas, dada a pobreza antroponomástica da época (prenomes e patronímicos correspondentes) e daí a necessidade de identificação dos indivíduos socialmente, nomeadamente através do nome de profissão.

A autora intervém em algumas formas linguísticas recolhidas nas fontes documentais para melhor descrever as unidades antroponímicas. Assim, altera letras minúsculas em maiúsculas de formas que ocorrem como terceiros e quartos nomes, geralmente nomes étnicos e nomes de profissão, embora sabendo que, nestas unidades antroponímicas, os nomes delexicais (que ocorrem em terceira ou quarta posição) constituem uma identificação suplementar, não sendo ainda nomes propriamente ditos. Separa formas aglutinadas, por exemplo *dbolueira* em *d'Holineira*, *detayde* em *de Tayde*, *Rodrujanas* em *Rodrigu'Janas*, *martimnbannes* em *Martimnb'Annes*. No que se refere à representação gráfica, conserva todas as variantes gráficas, incluindo as grafias *j* longo e *u* por *v* que não têm valor fonético distintivo e guarda também a alternância entre grafias simples e duplas na representação de algumas consoantes.

#### 4. Prenomes

A atribuição dos prenomes realiza-se com base nas influências externas: tradição religiosa, tradição literária e tradição histórica. A preferência de determinado prenome em detrimento de outro varia com o tempo, segundo a moda e a popularidade dos nomes, fazendo com que alguns prenomes sejam muito frequentes, enquanto outros se tornam raros, podendo ser recuperados mais tarde.

Nos documentos consultados, predominam os prenomes de influência religiosa latino-cristãos, seguidos dos prenomes de origem germânica e dos prenomes de influência literária. Na antroponímia primitiva da Madeira ocorrem muitos prenomes de origem literária, nomeadamente *Briolânia* (variante gráfica de *Briolanja*, segundo o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado), *Galláz*, *Rolam*, *Artur*, *Tristão*, *Policenas*, *Polinarda*, *Heitor*, *Helena*, *Iseu*. Alguns destes nomes são prenomes correntes nos séculos XV e XVI, devido aos romances de cavalaria. Outros prenomes eruditos surgem da moda renascentista de recuperar nomes da Antiguidade Clássica.

Naidea Nunes regista prenomes que parecem corresponder a segundos nomes, nomeadamente a forma *Ljam* que tanto pode ser um prenome como um segundo nome que surge em vez do prenome. As formas *Capellam* e *Cento* surgem em posição de prenome seguidas de uma outra unidade antroponímica, mas parecem corresponder a segundos nomes de família italiana. A forma *Angriote* poderá também ser um segundo nome, significando pequeno inglês, designação atribuída a um estrangeiro e que surge em substituição do prenome.

A forma *Mousen* parece ser um título como *Mice* e não um prenome, enquanto a forma *Senborinha* não é um título, como aparentemente pode parecer, mas sim um prenome feminino muito antigo, típico de Portugal. A autora revela também um grupo de prenomes de origem e formação obscuras, nomeadamente a forma *Anquesa* que parece apresentar o sufixo *-esa* com um radical de origem obscura. O sufixo *-esa* parece ser frequente na

formação dos prenomes femininos da época. Outros prenomes de origem obscura são, por exemplo, *Meliganda* e *Briones*. Estas são formas difíceis de interpretar, assim como a forma *Belizarda* (provavelmente com a mesma formação do lexema *felizarda*). Seriam, eventualmente, prenomes típicos medievais da literatura popular já em extinção? No entanto, não há referência a estas formas no *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* de Machado. Quanto ao prenome feminino *Mair*, parece ser um nome judeu. A forma *Alda* pode ser uma forma breve do prenome feminino *Aldonça*, enquanto o prenome masculino *Lopo* é uma forma parcialmente latinizada. É importante referir a evolução separada do lexema *lobo* e da forma antroponímica *Lopo* > *Lopes*.

Os prenomes *Adão* e *Eva*, que raramente ocorrem na antroponímia desta época, surgem na antroponímia primitiva da Madeira, provavelmente motivados pela colonização do arquipélago, pois estes prenomes parecem ter sido atribuídos às primeiras crianças dos dois sexos nascidas na ilha, no início do povoamento.

#### 4.1. Formas masculinas e femininas

Das três grandes categorias antroponímicas, os prenomes oferecem um grande interesse morfológico, nomeadamente as formas masculinas e femininas. Estas resultam, geralmente, da adaptação morfológica dos prenomes masculinos ao género feminino:

- a) Prenomes masculinos terminados em *-o* que correspondem a prenome femininos com o morfema flexional *-a*, por exemplo: *Francisco/Francisca*, *Justo/Justa*, *António/Antónia*, *Lourenço/Lourença*, *Ambrósio/Ambrósia*, *Bernardo/Bernarda*, *Jeronimo/Jeronima*, *Jacinto/Jacinta*, *Leonardo/Leonarda*. No caso de *Barbaro*, a forma masculina é formada a partir do prenome feminino *Barbara*;
- b) Prenomes masculinos que não terminem em *-o* e correspondem a formas femininas com morfema flexional de género feminino *-a*, por exemplo: *Felipe/Felipa*, *Andre/Andresa* (a forma feminina é formada a partir da antiga forma masculina *Andres*), *Luis/Luisa*, *Pascoal/Pascoala*. O prenome feminino *Bartolesa*, correspondente à forma masculina *Bartolomeu*, parece surgir por analogia com formas como *Andresa*. As formas femininas *Brasia* e *Tomasia* parecem ser formadas a partir dos prenomes masculinos *Bras* e *Tomas* respetivamente. Quanto às formas *Marcos* e *Marquesa*, são dois nomes absolutamente distintos;
- c) Prenomes masculinos terminados em *-ão* que correspondem a formas femininas terminadas em *-ana* ou em *-oa*, por exemplo: *Bastião/Bastiana*, *João/Joana*, *Julião/Juliana*, *Simão/Simoa*.

#### 4.2. Formas proclíticas

Os prenomes apresentam diferentes formas conforme surgem isolados ou em determinadas ligações sintáticas. A fonética sintática faz com que determinados prenomes, quando seguidos de patronímicos começados por consoante, se tornem formas proclíticas, isto é, formas tão estreitamente associadas à forma seguinte que perdem o seu acento próprio, sofrendo determinadas reduções. Assim, as formas proclíticas são formas reduzidas dos prenomes na sua forma plena, resultantes de fenómenos fonéticos de apócope ou síncope da palavra em próclise. Naidea Nunes regista as formas proclíticas *Mem de Mendo*, *Fernam de Fernando*, *João de Joane*, *Rui de Rodrigo* e *Pero de Pedro*. Um dos fenómenos de fonética sintática que ocorre em posição proclítica é a queda da vogal final

do prenome, quando seguido de um patronímico começado por vogal, por exemplo *Rodrigueannes* de *Rodrigu'Eannes*. A autora observa que a aglutinação ou contração do prenome com o segundo nome começado por vogal, geralmente, ocorre com a forma plena do prenome. Embora, em *Pereannes* e *Perealuarez*, ocorra a forma proclítica *Per'* em elisão com as formas patronímicas *Eannes* ou *Annes* e *Aluarez*, a par com a forma não aglutinada *Pero Annes*.

### 4.3. Formas divergentes

As formas divergentes dos prenomes são formas que, embora apresentando a mesma origem etimológica, sofreram evoluções diferentes, originando formas distintas. As formas divergentes, geralmente, são formas duplas: uma forma arcaica por via popular e uma forma restaurada por via erudita. Assim, as formas *Mor* e *Maior* são formas divergentes: *Mor* é a forma popular, enquanto *Maior* é a forma latinizada. É interessante constatar que, nos documentos consultados, surge apenas a forma popular *Mor*, o que significa que a forma latinizada ou erudita só será recuperada mais tarde.

As formas *Tome/Thomas* parecem ser formas divergentes que hoje correspondem a nomes diferentes. Tal como as formas *Antam/Antonio* que, embora tenham a mesma origem etimológica, são formas que sofreram evoluções distintas e hoje existem como nomes independentes que correspondem a santos diferentes. As formas *Bastiam* e *Sebastião* também parecem ser formas divergentes, sendo que *Bastiam* é a forma mais frequente. A forma *Bastiana* deriva seguramente da forma masculina *Bastiam*. Ocorrem ainda as formas *Adriano/Adrião*, em que a forma *Adriano* parece ser a forma restaurada por influência erudita da forma popular *Adrião*, forma antiga do galego-português com síncope do *-n-* intervocálico e, conseqüentemente, nasalização da vogal anterior.

A forma *Romão* surge como prenome no antropónimo *Romão de Frias*. Esta forma parece ser uma forma divergente de *Romano*, registada como segundo nome nos antropónimos *Cristiano Romano* e *Julyam Romano* e que também aparece com a forma *Romão*, como terceiro nome, em *Pero de Marne Romão*. Este poderá ser um segundo nome étnico-geográfico, que indica a proveniência estrangeira do indivíduo (de Roma), pois pode tratar-se de um segundo nome que surge como prenome, mas também poderá ser um prenome independente que não corresponde ao segundo e ao terceiro nomes referidos.

Naidea Nunes considera também formas divergentes e não independentes os prenomes masculinos que apresentam duas formas: uma terminada pelo morfema flexional de género masculino *-o* e outra terminada pela desinência *-s* do caso nominativo latino. As formas que apresentam o *-s* parecem ser formas restauradas por influência culta ou literária, por oposição às formas vulgares ou populares sem *-s*, sendo estas as formas mais frequentes, por exemplo: *Allexo/Alexos*, *Aparico/Aparicios*, *Domingo/Domingos*, *Giraldos/Giraldos*, *Gonçalo/Gonçalos*, *Joane/Joanes*, *Marco/Marcos*, *Mathia/Matias*, *Maten/Mateus*, *Rodrigo/Rodrigos*, *Pallo/Pallos*. As formas terminadas pela desinência *-s*, como *Pallos*, que parece ser a forma antiga de *Paulo*, tornaram-se arcaicas e acabaram por desaparecer, com a exceção da forma *Domingos* que se generalizou, superando a forma *Domingo*. A forma do prenome feminino *Domingas* apresenta a terminação *-s* por analogia com a forma masculina e a forma do prenome masculino *Amados* pode ser explicada a partir da forma *Amado*, por analogia com outras formas terminadas em *-s*. O modelo das formas em *-os* não etimológicas parecem ser *Domingos* e *Pa(u)llos*.

Existem ainda três outras formas divergentes dos prenomes: as formas terminadas em *-im*, por tradição culta de importação francesa ou espanhola (por exemplo *Martim*, *Agostim* e as formas estrangeiras *Janim*, *Anequim*, *Valentim*), as formas em *-ino* de influência latina (por exemplo *Bernardino*), e as formas em *-inbo* de origem popular ou espontânea (por exemplo *Agostinbo* e *Martinbo*). Deste modo, a autora destaca a ocorrência das formas divergentes *Martim/Martinbo* e *Agostim/Agostinbo*. Como já referido, considera as formas terminadas em *-im* formas eruditas de importação francesa ou de origem espanhola, por oposição às formas populares portuguesas terminadas em *-inbo* do sufixo latino *-ino*.

As formas *Belchior* e *Melchior* são tidas como formas divergentes, pois *Belchior* é a forma portuguesa da forma primitiva *Melchior*, que pertence ao mesmo grupo dos prenomes *Gaspar* e *Baltazar*, os três reis magos. Estes prenomes são muito frequentes naquela época, alternando a predominância ora de um ora de outro. Trata-se de variantes em que a alternância entre os fonemas iniciais /m/ e /b/ está possivelmente relacionada com o facto de estes fonemas terem em comum o mesmo ponto e modo de articulação, pois são consoantes oclusivas bilabiais, embora a primeira seja nasal e a segunda oral. A forma *Melchior* apresenta ainda a variante fonética *Melchioll*, em que o /r /final passa a /l/.

#### 4.4. Prenomes compostos e duplos

Na antroponímia primitiva da Madeira, os prenomes compostos e duplos começam a desenvolver-se a partir de fins do século XVI e inícios do século XVII.

Os prenomes compostos são formados por um prenome associado a um complemento onomástico, que é geralmente um nome religioso. Predominam os prenomes compostos femininos que são evocações ou nomes marianos, em que o prenome *Maria* apresenta uma grande flexibilidade combinatória. Assim, os prenomes femininos *Esperança* e *Vitoria* parecem corresponder a formas reduzidas dos nomes marianos *Maria Vitoria* e *Maria Esperança*, respetivamente de *Maria da Vitoria* e *Maria da Esperança* que são prenomes compostos. Naidea Nunes regista ainda o prenome composto feminino *Catarina da Paz*, que não é um nome mariano. Quanto aos prenomes compostos masculinos, constata a predominância do nome *Joam*, como elemento de composição, talvez por ser o prenome mais frequente na época. A autora regista as seguintes formas: *Joam dos Santos*, *Guabriel de Sano Antonio*, *Jorge de Sam Bernardino*, *Amador de Sam Francisco*, *Marcos de Sam Joam*, *Joam de Santiago*, *Joam de Santo Esteuom*, *Joam de Fe*, *Joam de Deus*.

Encontra apenas dois prenomes duplos femininos atribuídos a escravas, nomeadamente *Barbara Francisca* e *Breitis Ines*. Os prenomes duplos distinguem-se dos compostos por serem constituídos por duas unidades independentes. Quanto aos prenomes duplos masculinos que são menos frequentes, verifica que não há um elemento predominante na sua composição, embora o primeiro elemento do prenome duplo seja geralmente muito frequente. Apenas regista como primeiro duplo masculino a forma *Joam Bautista*. Este prenome duplo de influência religiosa, por vezes, surge reduzido à forma *Baptista* com elisão do primeiro elemento.

#### 4.5. Tratamento estatístico da frequência dos prenomes

No tratamento estatístico dos prenomes, no conjunto das fontes documentais estudadas, Naidea Nunes regista 270 unidades antroponímicas diferentes, sendo 152 prenomes masculinos simples, 33 prenomes femininos simples, 64 segundos nomes que

surgem como prenomes, 19 prenomes compostos masculinos, 1 prenome composto feminino e 1 prenome duplo masculino. A autora verifica que o prenome masculino mais frequente é *Joam* com 648 ocorrências (19.44%). Em segundo lugar, ocorre o prenome *Pero* com 336 ocorrências (10.08%). Em terceiro lugar, surge o prenome *Antonio* com 189 ocorrências (5.67%). Seguem-se os prenomes *Diogo* com 187 ocorrências (5.61%), *Francisco* com 186 ocorrências (5.58%), *Gonçalo* com 163 ocorrências (4.89%), *Manuel* com 135 ocorrências (4.05%) e *Rodrigo* com 126 ocorrências (3.78%).

Na origem da grande divulgação do prenome masculino *Joam* (com as variantes *Johanne* e *Joham*) parece estar o nome do santo e o nome do rei de Portugal. No entanto, a partir da segunda metade do século XVI, o prenome *João* apresenta um grande decréscimo. O estudo comparativo do uso dos prenomes por ordem cronológica, mostra que os prenomes *Antonio*, *Francisco* e *Manuel* se tornam cada vez mais frequentes, enquanto o prenome *Afonso* é pouco frequente a partir de meados do século XVI.

Os prenomes femininos mais frequentes, por ordem decrescente, são: *Catarina* com 26 ocorrências (0.78%), *Isabell* com 20 ocorrências (0.60%), *Briatiz* com 17 ocorrências (0.51%), *Maria* com 13 ocorrências (0.39%), *Joana* com 9 ocorrências (0.27%), *Lianor* com 8 ocorrências (0.24%), *Ines* com 7 ocorrências (0.21%), *Mor* e *Ana* com 5 ocorrências cada (0.15%), *Felhypha* com 4 ocorrências (0.12%), *Crara*, *Francisca*, *Margarida*, *Branca*, *Meçia* e *Barbora* com 3 ocorrências cada (0.08%). A predominância do prenome *Catarina*, juntamente com os prenomes *Isabel* e *Briatiz*, que parece apresentar grande popularidade, poderá explicar-se certamente devido à divulgação do nome de santas. Também é patente o elevado número de ocorrências do prenome feminino *Maria*, o que explica o desenvolvimento dos nomes marianos a partir do século XVI, tornando-se cada vez mais frequente e sendo atribuído a muitas escravas, ao contrário dos prenomes *Constança* e *Viollamte* que são pouco frequentes e *Mor* que tende a desaparecer.

Apesar do número reduzido de prenomes femininos, relativamente aos prenomes masculinos de povoadores portugueses e estrangeiros, dado que as mulheres não tinham cargos administrativos e religiosos e só aparecem na documentação como proprietárias quando são viúvas, esta recolha parece ser uma amostra representativa da onomástica feminina dos séculos XV e XVI, no Arquipélago da Madeira.

## 5. Segundos nomes

Os segundos nomes podem ser classificados em patronímicos, nomes geográficos, nomes étnicos, alcunhas e nomes de profissão, segundo a sua origem, função, motivação e significado. Apesar da grande variedade de nomes geográficos, nomes étnicos e nomes de profissão, predominam claramente, em número de frequência, os segundos nomes que são formas patronímicas.

### 5.1. Patronímicos

As formas patronímicas são formas derivadas dos prenomes, por isso são elementos com origem e função puramente antroponímicas. Os patronímicos apresentam as seguintes formas:

- a) Formas patronímicas por sufixação, geralmente com o sufixo *-ici* > *-izi* > *-iz* > *-ez* > *-es*. Muito se tem discutido sobre a origem do sufixo patronímico *-ici*. Leite de Vasconcelos (*Antroponímia portuguesa*) refere a origem pré-latina deste elemento



morfológico que substitui a tradicional forma genitiva latina de indicar a filiação. O sufixo *-ici* é característico das formas patronímicas desde a mais antiga tradição. Trata-se de uma forma que hoje á átona *-ici* > *-iz(i)*, surgindo correntemente como *-ez* e ocasionalmente com a variante *-az* (*Garcia* > *Garvaz* e *Garces*) e *-oz* (*Muñoz*). Não há muitas formas em *-az* e cada uma tem a sua explicação: *Dias* (átone) < *Didaci* (genitivo); *Vaz* (< eventualmente do genitivo *Vaasqui* < *Vaasco*, não de *Velasqui*); *Forjaz* (< provavelmente do genitivo *Froilanis*). Leite de Vasconcelos defende ainda a existência de formas patronímicas que recebiam inicialmente os sufixo *-uz* e *-oz*, por exemplo: *Domingoz* do prenome latino *Dominicus* e *Nunoz* do prenome latino *Nunnus*, que foram substituídas por formas com o sufixo *-ici*, por isso, hoje, temos as formas *Nunes* de *Nun-ici* e *Domingues* de *Dominic-ici*. No entanto, parece pouco provável que tenham existido formas patronímicas do tipo *\*Dominguz* e *\*Nunoz* porque o sufixo *-ici* era de facto o mais usado para indicar a filiação, tanto nas formas resultantes de prenomes pré-latinos como de prenomes latinos e germânicos latinizados. Leite de Vasconcelos afirma que o sufixo *-ici* tende a introduzir-se mesmo nos casos em que a vogal final do prenome não o favorece, como em *Guma* > *Gum-ici* > *Gum-izi* > *Gum-iz* > *Gum-ez* > *Gom-es*. Contudo, parece pouco provável que esta seja uma forma derivada de *Guma* (que seria *\*Gumão*, *\*Gumaç*). *Gomes* é uma forma que surge simultaneamente como prenome e como patronímico e, por isso, não parece ser uma forma derivada com o sufixo patronímico *-ici*. A forma *Aires* (de *Arias*) é também uma forma não derivada que surge como prenome e como patronímico. Esta forma, ao contrário de *Gomes*, ainda hoje ocorre como prenome masculino;

- b) Formas patronímicas, por posição, iguais aos prenomes. No caso do antropónimo *Joham Afonso Moleiro*, a forma *Afonso* parece ser uma forma patronímica por posição, mas também pode ser o segundo elemento de um prenome duplo *Joham Afonso*. Nos antropónimos femininos: *Mor Lourença*, *Margarida Antonia*, *Catherina Simoa* e *Catherina Francisca*, o segundo elemento destes nomes pode corresponder a formas patronímicas por posição feminizadas, que concordam em género com o prenome feminino. Mas, trata-se, certamente, de prenomes duplos femininos porque não nos parece usual, na época, a ocorrência de feminizações de formas patronímicas, e sabemos que na altura se desenvolvem as formas dos prenomes duplos. As formas *Afonso*, *Duarte*, *Luis*, *Manuel*, *Vicente* são formas patronímicas por posição, uma vez que não apresentam formas patronímicas correspondentes com o sufixo *-ez*. Registámos ainda as formas *Garcia* e *Antonio* que são também formas patronímicas por posição, apresentando, no entanto, formas patronímicas correspondentes com o sufixo *-es*: *Garces* e *Antunes*, embora estas sejam formas pouco frequentes;
- c) E ainda, exceccionalmente, uma forma patronímica constituída pelo prenome do pai com o sufixo diminutivo *-inbo*, na forma *Gonçaluinbo*, que parece indicar a filiação paterna, significando *filho de Gonçalo*.

Naidea Nunes encontra formas patronímicas duplas, nomeadamente *Vaz/Vasques*, *Rodriguez/Ruiz*, *Eanes/Anes*, *Pires/Peres*. A forma *Vaz* pode ser simplesmente a forma proclítica de *Vasco* que passa a apelido. A existência da forma patronímica *Ruiz* parece resultar da agregação da desinência patronímica à forma proclítica *Rui* (tratada como se fosse uma forma plena), enquanto as formas patronímicas duplas *Eanes/Anes* (que

apresenta ainda a variante *Ene(s)* e *Pires/Peres* parecem resultar de alterações fonéticas de uma mesma unidade antroponímica.

Segundo Leite de Vasconcelos, em *Antroponímia portuguesa*, até ao século XII, o patronímico era suficiente para identificar os indivíduos, juntamente com o prenome. A partir de fins do século XIII e inícios do século XIV, teria começado a desenvolver-se o recurso a nomes geográficos (nomes de origem), alcunhas (sobrenomes) e nomes de profissão para identificar os indivíduos, evitando a homonímia. A existência da homonímia devia-se, principalmente, à pobreza onomástica dos prenomes masculinos, que originava patronímicos comuns a diferentes indivíduos sem relação de parentesco entre si. A necessidade de recorrer a novos elementos identificativos surgiu, provavelmente, nos grandes centros populacionais. Em finais do século XV e inícios do século XVI, os patronímicos teriam já perdido o seu valor indicativo de filiação, passando a meros apelidos de família. Para melhor identificar um indivíduo, passa-se a juntar ao nome a indicação da sua terra ou proveniência, uma alcunha ou nome de profissão, que com o tempo também se fixaram como apelidos ou nomes de família.

Na antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI), predominam claramente os segundos nomes que correspondem a formas patronímicas. Estas apresentam um elevado número de ocorrências em comparação com a frequência das restantes formas, apesar de apenas serem registadas, no conjunto das fontes documentais, 46 unidades patronímicas diferentes, o que representa um número muito reduzido em relação à diversidade dos nomes geográficos, nomes étnicos, nomes de profissão e alcunhas.

Assim, as ocorrências mais frequentes dos segundos nomes são todas formas patronímicas. Em primeiro lugar, emerge o segundo nome *Gonçalvez* com 196 ocorrências (9.80%). Em segundo lugar, surge o segundo nome *Eannes* com 184 ocorrências (9.20%). Em terceiro lugar, ocorre o segundo nome *Fernandez* com 174 ocorrências (8.70%). Seguem-se as formas *Afonso* com 152 ocorrências (7.60%), *Rodriguez* com 149 ocorrências (7.45%), *Alvarez* com 127 ocorrências (6.35%) e *Vaaç* com 107 ocorrências (5.35%). Verifica-se que o segundo nome patronímico *Eanes*, que é muito frequente em finais do século XV, praticamente não aparece nas fontes documentais a partir da segunda metade do século XVI. Este decréscimo do segundo nome *Eanes* parece acompanhar a redução da frequência do prenome *João*. Deste modo, os segundos nomes patronímicos *Fernandez* e *Gonçalvez* tornam-se mais frequentes do que a forma patronímica *Eannes*, nas fontes documentais da segunda metade do século XVI. Outros segundos nomes patronímicos registados como mais frequentes são: *Diaç*, *Gomez*, *Lopez*, *Martijnç* e *Pirez*.

Das 541 unidades antroponímicas diferentes que ocorrem como segundos nomes, em que, como já referido, predominam largamente as formas patronímicas, os segundos nomes não patronímicos mais frequentes são os nomes geográficos *Ferreira* e *Porto*, entre outros, e o nome étnico-geográfico *Frances*.

## 5.2. Nomes geográficos

Os nomes de origem geográfica ou toponímica indicam a naturalidade ou residência dos indivíduos. Na segunda metade do século XV, muitos nomes geográficos, que inicialmente indicavam proveniência geográfica, teriam já sido fixados como nomes de família. Os nomes geográficos eram associados, frequentemente, aos nomes nobres,

indicando posse de terra, e quando associados a nomes não nobres designavam naturalidade ou residência originária, permitindo identificar os indivíduos deslocados para novas povoações ou regiões.

Os nomes geográficos ou nomes de origem podem ser classificados quanto à sua proveniência:

- a) Nomes geográficos de proveniência estrangeira que indicam a naturalidade dos estrangeiros, por exemplo: *Cremona, França, Florença, Castela*.
- b) Nomes geográficos de proveniência portuguesa que correspondem a topónimos no território continental português, fornecendo informações sobre a origem regional dos primeiros povoadores portugueses, por exemplo: *Moura, Almada, Abrantes, Barcelos, Porto, Beja, Vila Viçosa, Braga, Vila Real*.
- c) Nomes geográficos correspondentes a topónimos na ilha da Madeira, que parecem indicar a residência dos primeiros povoadores no arquipélago, por exemplo: *Calbeta, Funchal, Caniço, Machico, Camara de Lobos, Ribeira Brava, Fajã d'Houelha, Ponta do Sol*.

Os nomes geográficos são formas simples ou compostas que, geralmente, são precedidas da preposição *de* porque, inicialmente, ocorriam como complementos locativos introduzidos por preposição, indicando a posse de terras dos nobres e a proveniência ou residência dos indivíduos. Mas, à medida que os nomes geográficos se vão fixando como nomes hereditários, estes têm tendência a perder a preposição. A omissão das preposições parece indicar a perda da noção de proveniência geográfica destes nomes, embora, em certos casos, a preposição tenha sido conservada até hoje. Assim, um nome geográfico pode ocorrer sem preposição porque surge desde o início sem preposição ou porque a preposição desaparece em época muito antiga. Na antroponímia primitiva da Madeira, predominam os nomes de origem geográfica antecidos de preposição, por exemplo: *do Porto, de Moura, de Florença*. Alguns nomes geográficos apresentam alternância entre ausência e presença de preposição, como por exemplo *de Viveiros* e *Viveiros*. Outros nomes de origem ocorrem sempre sem preposição, por exemplo: *Carvalho, Pereira, Nogueira, Loreda, Tavares*, estes são, geralmente, nomes de origem botânica, ou seja, nomes botânico-geográficos.

### 5.3. Nomes étnicos

Os nomes étnicos têm a mesma função dos nomes geográficos, ou seja, indicam, geralmente, a naturalidade dos indivíduos, mas distinguem-se morfologicamente, uma vez que eram primitivamente adjetivos étnico-geográficos. Leite de Vasconcelos, em *Antroponímia portuguesa*, classifica estes adjetivos como alcunhas geográficas, dado que morfologicamente os nomes étnicos se aproximam das alcunhas, pois recebem flexão em género e número e podem ser antecidos de um artigo definido com valor individualizante. Naídea Nunes opta por considerar os nomes étnicos como um grupo à parte, independente do grupo dos nomes geográficos e das alcunhas.

Nas fontes documentais consultadas pela autora, predominam os nomes étnico-geográficos atribuídos a estrangeiros que indicam a nacionalidade destes, substituindo muitos nomes próprios estrangeiros, por exemplo: *Allemam, Bretam, Caluino, Castelbano/Castilbanha, Carmones, Escorcio/Escorcia, Framengo, Frolemty, Frances, Galego/Gallega, Genoes, Lombardo, Imgres, Marcheno, Pisano, Romano, Toscana, Valenciano*. Apenas um nome étnico-geográfico é atribuído a um povoador português que indica a proveniência

regional deste dentro do território continental português, *algarvio*. Temos alguns nomes étnicos atribuídos, principalmente, a escravos que indicam a cor e a raça destes, por exemplo: *Mourisquo*, *Mouro*, *Mulata/Mulato*, *Negro*, *Preta/Preto*. Ocorre ainda o nome étnico *Judeu*, possivelmente atribuído a um estrangeiro.

Os nomes étnico-geográficos podem substituir o nome completo dos indivíduos, por exemplo, *o Galego* em vez de *Joam Anes Galego*. Nestes casos, o artigo definido individualizante antecede o nome, concordando com este em género. Surge também o caso do nome étnico-geográfico *o Castelhana*, como terceiro nome (depois de um segundo nome), antecedido do artigo definido também com valor individualizante ou distintivo: *Joam Afonso o Castelhana*. Os nomes étnico-geográficos, tal como as alcunhas, aceitam alteração morfológica em género, conforme o sexo dos indivíduos, por exemplo nas formas: *Galego/Galega*, *Mulato/Mulata*, *Preto/Preta*. Os nomes étnico-geográficos constituem uma categoria especial, pois possibilitam pesquisas sócio históricas como a proveniência regional dos povoadores portugueses, as diferentes etnias dos escravos e a nacionalidade dos estrangeiros residentes e estantes na ilha da Madeira.

#### 5.4. Alcnhas

As alcunhas ou sobrenomes são, inicialmente, atributos individuais com pleno sentido que identificam socialmente os indivíduos. Estes elementos identificativos de origem popular podem ser efémeros (apodos) ou podem tornar-se fixos e hereditários, perdendo o seu significado inicial. As alcunhas apresentam uma grande riqueza e diversidade, surgindo como segundos, terceiros e quartos nomes. Nem sempre é fácil determinar, com rigor, qual o real significado das alcunhas, o que, por vezes, dificulta a sua classificação semântica. Não obstante, Naidea Nunes classifica as alcunhas em cinco grupos:

- a) Alcnhas propriamente ditas, alusivas a características físicas e morais dos indivíduos e qualidades expressas indiretamente através de metáforas com animais e plantas, por exemplo: *Barba*, *Belo*, *Bexigoso*, *Bicudo*, *Bigode*, *Delgado/Delgada*, *Feo/Fea*, *Manco*, *Matoso*, *Penteado*, *Pestana*, *Rosado*, *Casto*, *Folgado*, *Forrão*, *Leal*, *Mansinbo*, *Maosinbo*, *Camelo/Camela*, *Cordeiro/Cordeira*, *Leytam/Leytoa*, *Lobo*, *Pinto/Pinta*, *Raposo*, *Sardinha*, *Barbuzano*, *Botelbo/Botelba*, *Castanbeiro*, *Farinha*, *Leite*, *Nabo*, *Pimenta*;
- b) Alcnhas alusivas aos hábitos de vestuário, origem social e outras particularidades individuais, por exemplo: *Barreto*, *Calçado*, *Fidalgo/Fidalga*, *Agosto*, *Borrvalho*, *Caiado/Caiada*, *Gago*, *Homem*, *Riquo*;
- c) Alcnhas indicativas de relações de parentesco, estado civil e outras situações familiares, por exemplo: *Bastardo*, *Colaço/Colaça*, *Furtado/Furtada*, *Neto*, *Sobrinbo*, *Casado*, *Orfoom*;
- d) Alcnhas provenientes de cognomes ou epítetos com valor distintivo, distinguindo geralmente dois membros de uma família com o mesmo nome, por exemplo: *Grande*, *Moço*, *Novo*, *Pequeno*, *Velho*;
- e) Alcnhas de significado obscuro, por exemplo: *Abrea*, *Anrullo/Anrulha*, *Baldaia*, *Balmeidão*, *Barzuegas*, *Basantes*, *Borio*, *Cotiço*, *Cree*, *Cambalacho*, *Escoreio*, *Masa*, *Maynto*, *Pigarro*, *Tyrytyro*, *Zuzuegues*. A autora acrescenta que poderia ter optado por registar estas formas de classificação difícil numa lista à parte, mas inclui-as neste grupo pela probabilidade de serem formas que surgem originariamente como alcunhas.

As alcunhas são nomes delexicais, ou seja, nomes formados a partir do vocabulário comum, pois determinado nome pode ter, consoante o contexto linguístico, valor corrente ou valor antroponímico. Quanto ao valor semântico ou motivacional das alcunhas, apenas se podem levantar algumas hipóteses explicativas para a atribuição de certos nomes a determinados indivíduos. Assim, a alcunha proveniente do nome delexical *Cabelo* pode ter uma aplicação metafórica com o significado de delgado ou magro, mas pode também ter a ver com o aspeto do cabelo. No caso do nome *Velbo*, a motivação parece ser mais simples e imediata, pois este nome apresenta o significado do lexema comum, podendo fazer referência à idade, ao aspeto físico e à sabedoria do portador, ou ainda à sua posição na genealogia familiar, quando dois indivíduos (por exemplo pai e filho) são portadores do mesmo nome, opondo-se o *Velbo* ao *Moço* ou *Novo*.

Em relação à estrutura morfológica e sintática das alcunhas, estas sofrem os mesmos processos de composição e derivação do léxico geral (nomes e adjetivos), originando a formação de novas palavras. Assim, as alcunhas apresentam as seguintes estruturas morfossintáticas:

- a) Alcnhas frásicas que são formas compostas geralmente formadas por verbo mais objeto, por exemplo: *Buscarroido*, *Brita Calçadas*, *Matassete*;
- b) Alcnhas que são formas compostas, formadas por nome mais adjetivo, adjetivo mais nome ou nome mais complemento determinativo, por exemplo: *Boom Viagem* e *Byco de Bulbefre*;
- c) Alcnhas correspondentes a lexemas básicos, nominais ou adjetivais, por exemplo: *Barba*, *Coxo*, *Velbo*, *Neta*, *Furtada*, *Amo*, *Grande*, *Pequeno*, *Moço*. Trata-se de cognomes ou epítetos que geralmente distinguem homónimos, por isso originalmente são antecidos por um artigo definido com valor individualizante. Estas alcunhas também ocorrem em substituição do nome completo do indivíduo, por exemplo: *o Coxo* por *João Rodrigues Coxo*. A presença do artigo definido parece indicar que a alcunha ainda ocorre como atributo com significado pleno, enquanto a sua ausência pode ser um indicativo de que a alcunha já se tornou um segundo nome hereditário, pois os artigos tendem a ser suprimidos quando as designações deixam de ser individualizantes;
- d) Alcnhas com formas derivadas por sufixação, por exemplo: *Barboso*, *Cochinbo*, *Paginbo*, *Bocarro*, *Peixoto*, *Chamiço*. Trata-se de lexemas comuns, em que temos o sufixo diminutivo *-inbo* em *Cochinbo* (forma derivada de *Coxo*), em *Paginbo* (que parece ser a forma diminutiva de *Pagem*), em *Mansinbo* (forma derivada de *Manso*) e em *Maosinbo* (forma derivada de *Man*); o sufixo aumentativo *-arro* na forma *Bocarro* (que parece ser uma forma derivada de *Boca*); o sufixo *-oto* em *Peixoto* (que parece ser uma forma derivada de *Peixe*); o sufixo *-iço* em *Chamiço* (que parece ser uma forma derivada de *Chama*) e o sufixo *-oso* em *Barboso*, forma derivada de *Barba*, embora a sua classificação possa ser duvidosa;
- e) Alcnhas provenientes de construções sintáticas elípticas, geralmente introduzidas por uma preposição, por exemplo: *dos Vinbos*, *dos Bois*, *das Vacas*, *dos Banbos*, *do Trauto*. Contudo, é necessário distinguir expressões como *da Mulata*, *da Rosa*, *da Neta*, *da Furtada*, onde parece estar subentendida a palavra filho, indicando filiação materna.

As alcunhas sofrem adaptação morfológica, segundo o sexo dos indivíduos aos quais são atribuídas. As formas femininas das alcunhas, geralmente, são nomes feminizados que resultam da adaptação das alcunhas dos maridos que são atribuídas às mulheres. Assim, a *Coelba* é a mulher do *Coelho*, por isso, hoje, o nome hereditário de família é a forma masculina e a forma feminina desapareceu. Ao morfema flexional de género masculino *-o* corresponde, normalmente, o morfema flexional de género feminino *-a*, por exemplo, nas formas: *Camelo/Camela*, *Botelho/Botelha*, *Coelho/Coelha*, *Mourato/Mourata*.

### 5.5. Nomes de profissão

Os nomes de profissão, tal como as alcunhas, são nomes delexicais que estabelecem uma íntima relação entre o léxico comum e os antropónimos. Assim, os nomes de profissão ou ofícios e cargos surgem como segundos, terceiros e quartos nomes, por exemplo: *Adaqueiro*, *Afilador*, *Alealdador*, *Alfaiate*, *Almotace*, *Almoxarife*, *Amo*, *Barbeiro*, *Boticairo*, *Calceteiro*, *Malheiro*, *Doceiro*, *Porqueiro*, *Sapateiro*, e ocorrem ainda, excepcionalmente, nomes de objetos relacionados com o trabalho, ou seja, nomes associados a profissões, por exemplo: *Caldeira*, *Machado/Machada*.

Os nomes de profissão, geralmente, apresentam o sufixo *-eiro*, por exemplo: *Albardeiro/Albardeira*, *Burzigueiro*, *Calceteiro*, *Canaveiro*, *Carcereiro*, *Carniceiro*, *Carpinteiro*, *Caldeireiro*, *Caixeiro*, *Carreiro*, *Carreteiro*, *Cerieiro*, *Columbreiro*, *Confeiteiro*, *Escumeiro*, *Ferreiro*, *Malheiro*, *Pedreiro*, *Picheleiro*, *Porqueiro*, *Quadrilheiro*, *Sapateiro*, *Serralheiro*, *Tanoeiro*, *Vinhateiro*. As formas dos nomes de profissão com o sufixo *-ador* são menos frequentes, por exemplo: *Ferrador* e *Serrador*. Nas formas *Alealdadeiro* e *Alealdador*, regista-se um caso de alternância entre os sufixos *-eiro* e *-ador*.

### 6. Terceiros nomes

As ocorrências dos terceiros nomes são muito reduzidas em relação às ocorrências dos segundos nomes. Em terceira posição, na cadeia antroponímica, predominam os nomes de profissão ou ofícios e cargos. Seguem-se as alcunhas, os nomes geográficos e os nomes étnicos. Ao contrário dos segundos nomes, em que predominam as formas patronímicas, apenas foram registadas três formas patronímicas que são terceiros nomes com uma ocorrência cada: *Diaç*, *Gonçalves* e *Soares*. Trata-se de um número muito reduzido quando comparado com o número de frequências das outras formas antroponímicas que surgem como terceiros nomes.

No tratamento estatístico dos terceiros nomes, no conjunto das fontes documentais, ocorrem 371 unidades antroponímicas diferentes. Em primeiro lugar, por ordem de frequência, encontra-se o terceiro nome *Mercador* com 61 ocorrências (3.05%). Em segundo lugar, surge a forma *Espruam* com 51 ocorrências (2.55%). Em terceiro lugar, aparece a forma *Alfaiate* com 27 ocorrências (1.35%) e a forma *Vendedeira* com o mesmo número de ocorrências. Seguem-se as formas *Sapateiro* com 26 ocorrências (1.30%), *Tabaliam* com 25 ocorrências (1.25%), *Vereador* com 22 ocorrências (1.10%), *Jujç* com 21 ocorrências (1.05%), *Moleiro* e *Barqueiro* com 19 ocorrências cada (0.95%). Como pode ser constatado, predominam claramente os terceiros nomes que correspondem a nomes de profissão ou ofícios e cargos.

### 7. Quartos nomes

Nas fontes documentais consultadas, apenas foram encontradas 36 unidades antroponímicas que ocorrem como quartos nomes, o que representa um número muito pequeno relativamente aos segundos e terceiros nomes. Trata-se de um resultado normal, uma vez que é pouco frequente, nos séculos XV e XVI, a ocorrência de quartos nomes na cadeia antroponímica. Em primeiro lugar, em número de frequência, emerge como quarto nome a forma *Espriuam* com 8 ocorrências (11.95%). Em segundo lugar, ocorre a forma *Mercador* com 6 ocorrências (8.96%). Em terceiro lugar, surge a forma *Allealdador* com 4 ocorrências (5.97%). Verifica-se que os quartos nomes, quando ocorrem, correspondem, geralmente, a nomes de profissão ou ofícios e cargos, tal como os terceiros nomes. No entanto, é interessante constatar que o nome geográfico *do Porto* ocupa uma posição predominante com 4 ocorrências, a par com o nome de profissão *Allealdador*. Foi registado ainda, como quarto nome mais frequente, o nome étnico-geográfico *Genoves* e a alcunha *Velho*, com duas ocorrências cada (2.99%).

## Conclusão

Este estudo da antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI) segmenta as cadeias antroponomásticas dos nomes dos primeiros povoadores portugueses, dos estrangeiros e dos escravos, em prenomes, segundos nomes, terceiros nomes e quartos nomes, apresentando as estatísticas por ordem decrescente de frequências das unidades antroponímicas predominantes. O tratamento estatístico dos prenomes masculinos e femininos, nas diferentes fontes documentais consultadas, permite observar que, em fins do século XV, predominam os prenomes masculinos *Joam* e *Pero* e os prenomes femininos *Catarina* e *Isabell*. Enquanto, a partir de meados do século XVI, *Antonio* e *Francisco* tornam-se os prenomes masculinos mais frequentes, assim como *Maria* é o prenome feminino predominante, enquanto o prenome *Mor* parece cair em desuso.

No tratamento estatístico dos segundos nomes dos povoadores portugueses predominam claramente as formas patronímicas, sendo que os escravos geralmente apresentam os segundos nomes patronímicos dos seus proprietários. Seguem-se, em número de frequência, os nomes geográficos ou de origem, os nomes étnico-geográficos, sobretudo atribuídos aos estrangeiros, e as alcunhas. Quanto aos terceiros e quartos nomes predominam os nomes de profissão, ofício ou cargo. Trata-se de nomes delexicais que identificam socialmente os indivíduos e que se fixam na cadeia antroponímica como nomes hereditários ou nomes de família.

Os nomes geográficos dos primeiros povoadores portugueses apresentam grande interesse linguístico, pois permitem identificar a proveniência regional e dialetal dos colonizadores do Arquipélago da Madeira. Assim, verifica-se que no povoamento da ilha da Madeira participaram povoadores de todas as regiões de Portugal, mas principalmente do Norte, da região de entre Douro e Minho. Esta constatação tem importantes implicações no estudo dos dialetos, da etnografia e da história madeirenses. Os segundos nomes dos estrangeiros que se fixaram na ilha, sobretudo italianos (genoveses e florentinos), franceses, castelhanos e flamengos, mas também ingleses e alemães, atraídos pela riqueza do comércio açucareiro, também apresentam grande importância e interesse histórico e cultural, na medida em que hoje constituem nomes característicos de famílias da ilha da Madeira, nomeadamente *Doria*, *Betencourt* e *Drumond*.

A antroponomástica do Arquipélago da Madeira começa a ser fixada definitivamente a partir do século XVI, com a criação dos primeiros registos paroquiais que datam de 1539. Apesar de não existirem registos paroquiais dos primórdios do povoamento da ilha da Madeira, constata-se que a maior parte dos prenomes e nomes de família da atualidade já surge nos documentos mais antigos redigidos na ilha, as fontes documentais utilizadas neste estudo, que permitem conhecer a antroponímia primitiva da Madeira dos séculos XV e XVI.

### **Bibliografia**

- COSTA, J. Pereira da e PEREIRA, F. Jasmins, *Livros de Contas da ilha da Madeira. 1504-1537. I – Almoxxarifados e Alfândegas*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1985;
- COSTA, J. Pereira da e PEREIRA, F. Jasmins, *Livros de Contas da ilha da Madeira. 1504-1537. II – Registo da produção de açúcar*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1989;
- COSTA, J. Pereira da, *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal 1538-1558*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1994;
- COSTA, J. Pereira da, *Vereações da Câmara Municipal do Funchal: século XV*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995;
- KREMER, Dieter (coord.), *Dictionnaire historique de l'anthroponymie romane (PatRom): Présentation d'un projet*, Tubingen, Max Niemeyer Verlag, 1997;
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Horizonte/Confluência, 1984;
- MELO, L. F. Cardoso de Sousa, “Tombo primeiro do registo geral da Câmara Municipal do Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 5 vols., Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1972-1990;
- NUNES, Naidea Nunes, *Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI)*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, texto policopiado, 1996;
- NUNES, Naidea e KREMER, Dieter, *Antroponímia primitiva da Madeira e repertório onomástico histórico da Madeira (séculos XV e XVI)*, Tubingen, Max Niemeyer Verlag, 1999;
- RAU, Virgínia e MACEDO, Jorge de, “Livro dos estimos do ano de 1494”, *O açúcar da Madeira nos fins do século XV: problemas de produção e comércio*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1962, pp. 47-98;
- VASCONCELOS, J. Leite de, *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1928;
- VIEIRA, Alberto, *Os escravos no Arquipélago da Madeira: séculos XV a XVII*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991.